ANÁLISE DOS CASOS DE HIV REGISTRADOS NO CENÁRIO BRASILEIRO

[1]Aleixa Nogueira de Freitas; [2]Camila Paranhos Vieira; [3]Carlos Eduardo Branches de Mesquita; [4]Danilo da Silva Patrício; [5]Manoel dos Reis Pinto; [6]William Rafael de Farias Silva; [7]Nádia Vicência do Nascimento Martins

[1]Discente; Universidade Do Estado Do Pará; medicina; ale_freitas@hotmail.com.br; [2] Discente, Universidade Do Estado Do Pará; medicina; [3]Discente;Universidade Do Estado Do Pará; medicina; [4] Discente; Universidade Do Estado Do Pará; medicina; [5] Discente; Universidade Do Estado Do Pará; medicina; [6]Discente, Universidade Do Estado Do Pará; medicina; [7]Docente; Universidade Do Estado Do Pará; enfermagem.

INTRODUÇÃO: A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) persiste sendo um grave problema de Saúde Pública em todo o mundo. De acordo com dados do Programa Conjunto das Nações Unidas (UNAIDS), em 2018, havia quase 38 milhões de pessoas vivendo com o HIV no mundo, resultando em 770 mil mortes. Nesse contexto, a caracterização da população mais afetada é fundamental para o direcionamento de políticas públicas de controle, bem como para o conhecimento do panorama nacional. **OBJETIVO:** Analisar os dados dos casos de HIV notificados segundo sexo, faixa etária, escolaridade, cor e forma de transmissão no Brasil e comparar as taxas de detecção de infecção e coeficiente de mortalidade entre as regiões brasileiras. **MÉTODO:** Trata-se de uma pesquisa de caráter transversal retrospectivo e de levantamento estatístico com abordagem quantitativa. A pesquisa analisou os dados de HIV obtidos nos boletins epidemiológicos disponibilizados pelo Ministério da Saúde no período de 2015 a 2018. **RESULTADOS:** Observa-se algumas variações nos resultados encontrados onde a maior taxa de infecção está registrada na faixa etária de 20 a 34 anos (52,6%), no entanto destaca-se que 25,6% são de dados ignorados. Quanto a escolaridade a maior prevalência foi registrada para o ensino médio (27,5%) seguido de ensino fundamental incompleto (16,8%). Relacionado a cor da pele, (52,9%) se autodeclararam negros e (46,1%) brancos. A opção sexual mais prevalente foi a homossexual e bissexual entre homens acima de 13 anos (59,4%) e heterossexual (35,9%), (2,6%) declararam ser usuários de drogas injetáveis. Entre as mulheres destaca-se que em (96,8%) a opção sexual prevalente foi a heterossexual e (1,6%) declararam ser usuários de drogas injetáveis. As taxas de detecção nas regiões sul e sudeste apresentam tendência de queda indo de 22 para 17,1 casos por 100 mil habitantes e no sudeste de 32,9 para 24,1 casos no sul, enquanto as regiões norte e nordeste apresentam tendência de crescimento, com ênfase na região Norte que representou um crescimento de (44,2%) na taxa de detecção por 100 mim habitantes passando de 16,4 para 23,6 casos por 100 mil habitantes. O coeficiente de mortalidade por causa básica HIV em âmbito nacional diminuiu de 5,6 em 2015 para 4,8 mortes por 100 mil habitantes em 2017, no entanto, nas regiões norte e nordeste houve aumento, com destaque para os Estado do Rio Grande do Norte (201%) e Acre (115%). **CONCLUSÃO:** O aumento da taxa de detecção nas regiões norte e nordeste pode está correlacionado com a melhora das políticas públicas de combate ao HIV nas áreas mais remotas do país. No entanto, o crescimento da taxa de mortalidade por causa básica HIV nesses lugares pode significar uma carência no que tange o acompanhamento destes pacientes, para evitar a não adesão ao tratamento e consequentemente o aumento no número de mortes, em contrapartida esta razão pode ser justificada pela notificação dos óbitos ocorridos de forma mais eficaz e monitorada, assim, vale destacar a importância da vigilância epidemiológica dos casos de HIV destacado neste e em estudos futuros voltado para esta temática.

Palavras-chave: HIV; Saúde Coletiva; Vulnerabilidade.